

## A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO VALE DO RIO DO PEIXE - SC: algumas considerações iniciais\*

Josias Ricardo Hack\*\*

Este pequeno artigo tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre a colonização de origem germânica que desenvolveu-se no Vale do Rio do Peixe, durante o período da primeira metade deste século.

A partir de 1824 começam a chegar no Rio Grande do Sul, as primeiras levas de imigrantes alemães. A Alemanha passava por uma fase de transformações, tanto política como econômica, fazendo com que muitas pessoas, em busca de melhores condições de vida, comessem a ver no "Novo Mundo" uma alternativa de sobrevivência e uma chance de melhorar de vida. Descontentamentos de ordem geral faziam com que muitos jovens abandonassem a Pátria:

*"Entre aqueles que podiam escolher entre a vida de um trabalhador rural ou industrial e a imigração para um país onde as terras eram baratas e férteis, muitos se decidiram pela emigração (...) a administração de alguns*

\* Este texto é o resultado de uma comunicação apresentada no IV Encontro de Cientistas Sociais, realizado na UNIJUÍ (Ijuí-RS), entre 14 e 17 de maio de 1996. É o relatório parcial de uma pesquisa financiada pelo PIBIC/CNPq-UNOESC, que tem como orientador o professor Adelar Heinsfeld.

\*\* Aluno da 7ª fase do curso de História da UNOESC - Campus de Joaçaba.

*territórios, os quais estavam, como é sabido, sob um regime monárquico-reacionário inspirado pela orientação política da Restauração. Os impostos escorchantes desses minúsculos Estados forçavam a população ao êxodo ou, antes, à fuga, porque a emigração era, muitas vezes, proibida" (WILLEMS, 1980: 33-4).*

Nos países da América, onde havia uma estrutura social menos rígida, era dada a possibilidade de ascensão social bem mais rápida que em qualquer país da Europa. O Brasil foi um dos países que procurou atrair o imigrante europeu para seu território.

Enfrentando toda espécie de dificuldades, os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul conseguiram se impor e superar todas elas. No entanto, no final do século passado, os imigrantes ou seus descendentes, que haviam se localizado nos vales do Rio dos Sinos ou Rio Caí, começaram a ter um outro tipo de preocupação.

A colonização alemã tivera, no Rio Grande do Sul, como linha norteadora a pequena propriedade agrícola. Com o passar do tempo, em função do número de filhos, esta pequena propriedade foi sendo dividida, até chegar o momento em que tornou-se economicamente inviável, não admitindo novas divisões. Por outro lado, a fronteira agrícola do Rio Grande do Sul havia atingido o seu limite máximo. Não haviam mais terras disponíveis para continuar a colonização. Era necessário migrar para regiões que ainda tinham terra à disposição.

Em função de questões fronteiriças com a Argentina, no final do século XIX, o Brasil começou a dar mostras de preocupação com a ocupação de uma área até então sem importância, que era o Oeste Catarinense. Esta questão foi resolvida através de arbitramento internacional, quando em

1895, o presidente dos EUA, Grover Cleveland, após ouvir as duas partes deu ganho de causa ao Brasil.

Sendo assim, o Brasil, preocupado com as posições argentinas em relação ao território brasileiro, resolveu construir uma ferrovia que ligasse o Sul do país até o Centro. Esta ferrovia serviria como "porta de entrada" para a colonização desta área até então abandonada pelo governo brasileiro, e que era motivo de cobiça por parte da Argentina.

Como no Rio Grande do Sul as possibilidades de expansão agrícola, na área de colonização alemã, estavam esgotadas, colonos de origem germânica, seguindo os trilhos da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, começam a vir para Santa Catarina.

O trecho desta ferrovia que passa em território catarinense foi construído entre 1907 e 1910. Como forma de pagamento pela construção, o governo brasileiro cedeu à empresa construtora Norte-Americana Brazil Railway Co. uma faixa de terras de, em média 9 (nove) quilômetros de cada lado da ferrovia. A Brazil Railway Co. para melhor administrar as terras recebidas, organizou uma empresa subsidiária, a Brasil Development & Colonization Company, que loteou e vendeu à colonos estrangeiros ou seus descendentes estas terras.

Na imprensa da região de colonização alemã no Rio Grande do Sul, bem como na Europa, vai ser feita publicidade desta nova área de colonização. Em algumas localidades próximo a estações da estrada de ferro, havia um representante desta companhia colonizadora.

A partir de 1913, muitas famílias de origem germânica chegam à Estação de Rio do Peixe, e posteriormente às outras estações da estrada de ferro. Eram populações vindas do Rio Grande do Sul e também, embora em menor número, diretamente da Alemanha.

Ao longo do Rio do Peixe, comunidades formadas por colonos de origem alemã vão surgindo. Algumas delas terão um ritmo de desenvolvimento bastante rápido. Mesmo quando chegavam pessoas de outras etnias, muitas vezes numericamente superior aos alemães, eram estes que continuavam a controlar o processo econômico e na maioria das vezes também o político, repetindo o que havia acontecido no Rio Grande do Sul:

*"Nos núcleos coloniais alemães, observa-se a existência de duas correntes: aqueles que se colocavam sempre numa posição de hóspedes do Brasil, considerando a Alemanha sua verdadeira pátria, e aqueles que, apesar de terem orgulho de sua ascendência, sentiam, ao se fixarem aqui, a necessidade de interessar-se e de participar ativamente da vida política nacional"* (LANDO & BARROS, 1982:63).

Pesquisando no Cartório de Registro Civil da cidade de Joaçaba, que se localiza no Vale do Rio do Peixe, no período que vai do ano de 1917 até 1950, observamos um total de 1538 casamentos, sendo que 692 (44,9%) enlacs matrimoniais tiveram o envolvimento direto de alemães ou seus descendentes, seja como nubentes ou testemunhas.

Aproximadamente 65% desses nubentes trabalhavam na zona rural, exercendo a profissão de agricultor. Dentre os demais, encontramos as seguintes profissões: serradores, barbeiros, engenheiros, fotógrafos, farmacêuticos, sapateiros, alfaiates, carroceiros, operários, seleiros, industriais, ferreiros, professores, marceneiros, funcionários públicos, carpinteiros e comerciantes, dentre outros. Quanto às mulheres, uma parcela considerável dos registros de casamento não constava a profissão que exercia no momento em que foi realizado o

casamento civil. As demais, em sua maioria, exerciam a profissão de doméstica.

Estas comunidades, mantiveram arraigadas muitas tradições culturais herdadas de seus antecedentes (no caso dos teuto-brasileiros) ou trazidas da própria Europa. No entanto, no início da colonização do Vale do Rio do Peixe, uma problemática que havia envolvido as populações germânicas no Rio Grande do Sul também acercou os imigrantes que chegavam a esta nova região:

*"Para a grande maioria dos imigrantes alemães, a fixação na mata virgem significava, durante longos anos, a luta pela sobrevivência acompanhada de um desnivelamento cultural generalizado. Não sobrava tempo para outras atividades a não ser aquelas que se relacionassem com a satisfação de necessidades vitais"* (WILLEMS, 1980:392).

Sendo assim, observamos que grande parte dos imigrantes alemães que aqui chegaram, principalmente os que se dirigiram diretamente para as colônias com o intuito de trabalhar com a agricultura, não sabiam falar o português ou tinham apenas um conhecimento precário desta língua. Outro fator que confirmava esta deficiência era a falta de escolas públicas que permitissem o aprendizado em português. Apesar desta não ser uma preocupação que atingia a população urbana do Vale do Rio do Peixe, os agricultores que moravam no interior dos municípios, que eram a maioria, não tinham acesso a este benefício.

Esta situação torna-se delicada durante o processo de Nacionalização promovido por Getúlio Vargas. Desta forma, começa a se estabelecer um conflito:

*"O objetivo da campanha de nacionalização era forçar a assimilação por meio da obrigatoriedade do ensino em português, supondo que isso teria como resultado uma utilização cada vez menor das línguas de origem. E ao proibir qualquer publicação, festa, atividades recreativas, de cunho étnico, esperava impor valores nacionais brasileiros que viessem substituir o sentimento de pertencer a outras nacionalidades"* (SEYFERTH, 1990:90).

Com isso, imigrantes alemães e teuto-brasileiros oriundos de outros estados e residentes no Vale do Rio do Peixe, são proibidos de falar a língua alemã, sem levar em conta se anteriormente havia sido oportunizado a aprendizagem do português, como se percebe pelo depoimento abaixo, onde a filha precisava provar às autoridades que seu pai não aprendera o português, apesar de ser brasileiro:

*"Não haviam escolas (em Montenegro - RS, fim do século XIX e início do século XX)<sup>1</sup>, nem tão pouco ainda pros filhos deles [...] e isso eu podia comprovar, porque qualquer autoridade lá daquele lugar, que não é tão distante, é uma das regiões mais civilizadas do Rio Grande do Sul, né!? Só telegrafar pra lá que em prazo de poucas horas eles diriam: 'É! Realmente naquele tempo ainda só existia instruções alemãs e tudo, né!'"* (GROHSER, 1995:08).

Por fim, constatamos que estes fatores atingiram vários moradores da região em questão e causam constrangimentos até

<sup>1</sup> Nota do autor.

hoje, pois levaram à prisão muitos alemães ou seus descendentes, afastando-os de suas famílias ou até mesmo castigando-os fisicamente:

*"eu sei que um tio meu que foi pra Ilha Grande, que era aqui de Joaçaba, casado também com uma Specht, esse sofreu. Eles foram levados lá, não sei se tu conhece a Ilha Grande onde ficaram presos políticos aquela época, no Rio! Esses sofreram. Agora, esses que foram presos aqui em Joaçaba, eles foram levados a Joinville e muito tempo eles ficavam presos aqui. Eu sei que eu ia visitar o pai no Quartel, sempre levava sorvete domingo de tarde pra ele, então eles revistavam tudo, até o chapeuzinho branco que a gente usava, por tudo eles revistavam pra ver se não tinha alguma coisa que pudesse levar lá pra dentro, né. Mas eles tinham a liberdade, eles iam até inclusive tomar banho no Rio do Peixe, que naquela época ainda dava, né (risos). Então eles tinham essa liberdade, né, faziam esporte, ali tinha uma cancha de esporte, ali no Quartel, e depois foram levado pro presídio político de Joinville. E ali eles também nunca foram judiados, nada, né. Mas, simplesmente ficaram presos e a família ficou sem o pai, né". (ALTENBURGER, 1996:06)*

Estes são apenas alguns aspectos da temática que estamos abordando. Observa-se então, que a continuidade desta pesquisa é importante, pois contribuirá na recuperação da História da Colonização Germânica no Vale do Rio do Peixe, bem como, na preservação da memória destas comunidades, caracterizando assim, a sequência evolutiva destes grupos alemães nesta região. Lembramos que este é um relatório parcial do trabalho que está sendo desenvolvido, cuja conclusão está prevista para o 2º semestre de 1996.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LANDO, Aldair Marli & BARROS, Eliane Cruxên. A colonização Alemã no Rio Grande do Sul - uma interpretação sociológica. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1982, 94 pg.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração e Cultura no Brasil. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1990, 103p.
- WILLEMS, Emílio. A Aculturação dos Alemães no Brasil. 2 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1980. 465p.

## ENTREVISTAS

- ALTENBURGER, Edith Elenore. Entrevista concedida por Edith Elenore Altenburger ao autor, em 28 de março de 1996.
- GROHSER, Alzira Lúcia. Entrevista concedida por Alzira Lúcia Grohser ao autor, em 25 de outubro de 1995.